

ESPORTES

JUDÔ Modalidade mais vitoriosa do Brasil se despede de ícones: duas semanas depois da aposentadoria de Baby, Mayra dá adeus

Ciclo encerrado com sucesso

VICTOR PARRINI

Júlio César Guimarães/COB



A costumamo-nos a ouvir que o Brasil é o país do futebol. Depois, nos tornamos a pátria do vôlei e do automobilismo. Hoje, somos, mesmo, a nação do judô. A modalidade é a que mais alegria nos trouxe em Jogos Olímpicos. Das 170 medalhas conquistadas desde a Antuérpia-1920 até Paris-2024, 28 foram contribuição dos tatames. Seis delas com Rafael Silva, o Baby, e Mayra Aguiar, os novos aposentados do nosso esporte. O sul-mato-grossense de Aquidauana confirmou a saída do alto rendimento em 11 de dezembro. Ontem, foi a vez da gaúcha de Porto Alegre dar o adeus às competições.

A despedida da dupla marca a transição do judô brasileiro. Baby se despede aos 37 anos. Neste ano, fechou a participação com o bronze por equipes mistas na Olimpíada da França. A nova conquista faz companhia aos bronzes em Londres-2012 e na Rio-2016. No dia 11, revelou ter esticado a carreira para competir em Paris, pois o plano inicial era encerrar a trajetória profissional após Tóquio-2020.

Mayra encerra os serviços prestados ao esporte quatro anos mais nova. Em Paris, ela não subiu ao pódio. Porém, segue como a judoca recordista de participações no megaevento, com exhibições em cinco edições consecutivas, entre 2008 e 2024. De quebra, é a maior medalhista individual, com os bronzes em Londres, Rio de Janeiro e Tóquio.

"Vivi muito intensamente o judô desde os meus 14 anos, quando entrei pela primeira vez na Seleção Brasileira principal. Com apenas 16, disputei meus primeiros Jogos Pan-Americanos e, aos 17, minha primeira Olimpíada. Foi pesado. São quase 20 anos no esporte de alto rendimento, suportando viagens, lesões e uma rotina de treinos muito intensa. Agora, vou descansar um pouco e pensar no futuro", compartilhou à Confederação Brasileira de Judô (CBJ).

A relevância de Mayra Aguiar e Baby para o esporte brasileiro não se restringe às Olimpíadas. Das 54 medalhas obtidas pelo país em Mundiais, 11 tiveram a assinatura da dupla. Baby fechou a carreira com três bronzes e uma prata. Mayra subiu ao pódio sete vezes. A gaúcha se orgulha de ser a única tricampeã mundial entre homens e mulheres e recordista de conquistas. São sete na versão adulta da competição — mais três bronzes e uma prata — e quatro na edição Júnior — um título, um vice e dois bronzes.

Mayra também é a única brasileira campeã dos tradicionais Grand Slams de Paris (2012 e 2016) e de Tóquio (2023), a última conquista dela no Circuito Mundial IJE. "Entreguei sempre tudo que eu tinha. Em cada competição, em cada luta, deixei

A história da gaúcha Mayra Aguiar está ligada aos Jogos Olímpicos: ela acumula participações em Pequim-2008, Londres-2012, Rio-2016, Tóquio-2020 e Paris-2024, além de três bronzes

Gaspar Nóbrega/COB



Em Paris, Rafael Silva se tornou o judoca mais velho a subir ao pódio, aos 37 anos e dois meses

o máximo no tatame. Sou muito orgulhosa por tudo que fiz e muito grata a todas as pessoas que me ajudaram nessa caminhada, porque ninguém faz nada sozinho. Agora, vou recuperar o corpo e a mente e dedicar mais

tempo a mim e às pessoas mais próximas", finalizou Mayra.

A Seleção principal de judô tem outros nomes da "velha guarda". Bronze individual em Pequim-2008 e por equipes mistas em Paris-2024, Ketleyn Quadros,

37, também vive a tumê do adeus. A judoca nascida em Ceilândia é a única a conquistar medalhas no intervalo de 16 anos. Ouro na Rio-2016 e responsável por garantir o terceiro lugar da disputa coletiva na França, Rafaela Silva garante

participação em Los Angeles-2028, aquela que pode ser a última dela.

Enquanto uns se despedem, outros pedem passagem. São os casos de três brasileiros. Guilherme Schmidt foi "suporte" em Tóquio-2020, titular em

Paris-2024 e possivelmente estará nos EUA. Aos 19 anos, Bianca Reis acumula medalhas em Mundiais de base e pode pintar na próxima disputa. Para o ciclo de Brisbane-2032, Nicole Marques pode ser a novidade.

Júlio César Guimarães/COB



Bronze obtido nos Jogos de Tóquio-2020 foi a última medalha olímpica de Mayra Aguiar

BASQUETE

Sem vencer há dois jogos, Brasília recebe o Franca

GABRIEL BOTELHO*

O segundo turno do Novo Basquete Brasil começou e o Brasília Basquete segue no Distrito Federal para o penúltimo confronto do ano, hoje, diante do atual tricampeão Franca. A bola sobe às 20h, no Ginásio Nilson Nelson. O confronto é o quarto da sequência de cinco em casa para o representante da capital. A plataforma Disney+ e o canal do NBB no YouTube transmitem.

A tentativa brasiliense de vencer a equipe do interior paulista passará pela quebra de um tabu. Os últimos cinco jogos entre as equipes foram vencidos pelo atual tricampeão

da elite do basquete do país.

O triunfo veio na segunda metade da temporada 2021/2022. Na ocasião, o Brasília venceu por 96 x 86. O retrospecto geral é positivo ao Franca. Nas últimas 13 partidas entre os dois, são 11 vitórias dos paulistas.

Não bastasse ser um duelo entre campeões — o Brasília ostenta quatro canecos —, o encontro vale a terceira colocação. As duas equipes têm campanhas semelhantes, com 11 vitórias e seis derrotas, 64,7% de aproveitamento. A companhia do DF fica atrás na quarta colocação pelo número de pontos sofridos (1384 x 1304).

O Brasília vivia sequência

Pedro Santana/CB/D.A. Press



O armador Lucas tem média de 5,5 assistências por jogo pelo Brasília

expressiva de vitórias até a chegada das rodadas de fim de ano. Eram nove triunfos consecutivos até o revés para o badalado Flamengo, na 13ª rodada. Após vencer mais duas, contra Vas-

co e Pato, amargou a primeira derrota da temporada em casa diante do Paulistano. Em seguida, caiu para o São Paulo no Nilson Nelson.

O sucesso de hoje contra

o Franca passa pelo primeiro quarto. Lá se vão três partidas da equipe comandada por Dedé Barbosa sem largar em vantagem no período inaugural. Contra o Pato, partiu em desvantagem por 22 x 21. Diante do Paulistano, saiu atrás com expressivos 32 x 21. Na última rodada, contra o São Paulo, perdeu por 30 x 23.

Na avaliação do técnico da equipe Dedé Barbosa, comandar as ações da partida é papel do Brasília. "Foram partidas em que não colocamos nosso ritmo logo de cara. Correr atrás do placar é sempre mais complicado do que manter a dianteira. Precisamos antecipar os adversários, principalmente jogando em casa. É nosso papel comandar as ações, e é isso que vamos fazer nessas duas partidas", garante o treinador da equipe, Dedé Barbosa, ao **Correio**.

Apesar do retrospecto negativo, o treinador do time da cidade enxerga igualdade pela disputa. "Falar sobre as outras

temporadas é complicado. Não tínhamos times e condições de brigar com uma equipe como o Sesí Franca. Mas, agora, conseguimos disputar contra todas as equipes do torneio. Assim como fizemos no turno, podemos duelar contra Franca de igual para igual", destaca, lembrando da derrota por 79 x 74 em 17 de outubro.

"Derrota é derrota, vai custar caro para a gente depois. Sabemos que estamos firmes no campeonato, que temos um time compacto, bem treinado. Vamos buscar duas vitórias para encerrar o ano bem. As últimas duas derrotas não abalam nosso moral, de forma alguma", discursou o ala Daniel Von Haydin, após o revés para o São Paulo.

Os ingressos para a partida estão disponíveis no aplicativo do Brasília Basquete e custam a partir de R\$ 20 (meia-entrada).

* **Estagiário sob a supervisão de Victor Parrini**